

To Hate Adam Connor



a novel

Ella
Maise



A photograph of a muscular man with short brown hair, wearing a white tank top that is pulled down to his shoulders. He is posing with his hands behind his head, looking slightly to the right. The background is plain white.

Editora
Charme

TO HATE

Adam Connor

ELLA
MAISE

Copyright © 2016 To Hate Adam Connor by Ella Maise.

Direitos autorais de tradução© 2019 Editora Charme.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópias, gravação ou outros métodos mecânicos ou eletrônicos, sem a permissão prévia por escrito da editora, exceto no caso de breves citações consubstanciadas em resenhas críticas e outros usos não comerciais permitido pela lei de direitos autorais.

Este livro é um trabalho de ficção.

Todos os nomes, personagens, locais e incidentes são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com pessoas reais, coisas, vivas ou mortas, locais ou eventos é mera coincidência.

1ª Impressão 2020

Produção Editorial - Editora Charme

Adaptação da capa e Produção Gráfica - Verônica Góes

Tradução - Carolina Caires Coelho

Adaptação e Preparação - Monique D'Orazio

Revisão - Equipe Charme

Imagem - iStockphoto

Esta obra foi negociada por Bookcase Literary Agency.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR

Bibliotecária: Priscila Gomes Cruz CRB-8/8207

M231t Maise, Ella

To Hate Adam Connor / Ella Maise; Tradutor: Carolina Caires Coelho; Adaptação: Monique D'Orazio; Adaptação da capa e Produção Gráfica: Verônica Góes – Campinas, SP: Editora Charme, 2020.

368 p. il.

Título Original: To Hate Adam Connor

ISBN: 978-65-5056-005-8

1. Ficção norte-americana, 2. Romance Estrangeiro -

I. Maise, Ella. II. Coelho, Carolina Caires. III D'Orazio, Monique.

VI. Góes, Verônica . VI. Título.

CDD - 813

Este livro é para todo mundo que, em algum momento da vida, teve problema em acreditar que valia a pena o esforço.



CAPÍTULO UM

Zuzi

Eu acredito no amor. Do fundo do meu coração.

É sério, não balance a cabeça desse jeito. Eu acredito, sim.

Consigo imaginar as pessoas que me conhecem dando risadinha. Pois bem, não façam isso.

Não tem a menor necessidade e, sinceramente, é meio grosseiro, não acham?

Vou dizer de novo: acredito de verdade no amor. Sei tudo sobre sua magia. O lado bom e o ruim. Sei que o mundo parece maior quando estamos embriagados de amor. Sei que ele cura corações partidos, deixa a pessoa delirante de tão feliz, animada, esperançosa... assustada, com medo... uma lista enorme de coisas que transformam este mundo complicado em que vivemos em um lugar melhor.

Por exemplo, minha melhor amiga Olive. Ela ama o marido desde quando era criancinha. Ela até pediu o Jason em casamento quando tinha sete anos. Ela tinha sete anos, gente... sete! Não é a coisa mais fofa que você já ouviu? Então, quando eles se encontraram, anos depois, ele, como estrela de cinema, roubou o coração de Olive. O amor funciona muito para ela, e cai bem nela também. Ela merece todo o amor do mundo.

Eu? Em mim, o amor fica meio largo. Essencialmente, não me cai muito bem.

Então... o que estou dizendo é que o amor pode fazer tudo e qualquer coisa... desde que você não tenha uma maldição te assombrando como eu. Ah, e você tem que estar disposta a deixar o amor entrar na sua vida, abrir essa porta pesada que leva o coitado para dentro do labirinto que é seu coração, por assim dizer.

Essa é a parte complicada, não é? Você tem que deixar o amor entrar. Tem que se abrir, mostrar sua parte menos amável, os cantos mais escuros e

profundos da sua alma. É a única maneira de viver o amor real. Todo mundo nos diz isso o mais cedo possível, pelo que fiquei sabendo. Nossos ambientes são um comercial constante para o amor. Divida-se com alguém, seja verdadeiro, seja honesto, e, se essa pessoa te amar por quem você é, então você tem valor.

Aproveite a chuva de confetes que jogaram no seu rosto.

Você encontrou o amor verdadeiro. Que bom para você.

Ruim para o resto de nós.

Mas... *eu* deixo o amor entrar? Não. Eu me esforço ao máximo para não deixar acontecer, obrigada. Já passei por isso, sei como é. Se você está me perguntando qual é o meu problema, se eu realmente acredito no amor... bem, se você está tão curiosa em relação a isso, meu problema é que meu caro e velho amigo “amor” não me ama. Nunca me amou. E provavelmente nunca vai amar.

Eu diria que é bem grosseiro da parte dele, mas... sempre fiz as pazes com essa situação — ou pelo menos pensava que tinha feito, até acabar me apaixonando por Jameson.

Entra aí o bad boy gostoso cheio de tatuagens. Amor de faculdade.

Se você ainda não entendeu, tenho muitos problemas relacionados à figura materna e paterna. E como se essas coisas não bastassem para acabar com a minha vida, ainda por cima eu também tenho problemas com a minha avó.

Blá, blá, blá...

Agora você deve estar pensando que sou chata, mas não podemos aceitar isso.

Vamos falar, então, de noites de sexo casual. São divertidas, não? A gente está se aproximando do amor, trocando sorrisos, nos sentindo zonzos e animados com a expectativa de dar uma muito boa, aproveitar a sensação de ter a pele do outro na sua, o hálito quente, o calor, a alegria exacerbada que a gente sente por alguns segundos quando ele consegue chegar àquele ponto gostoso — *se* ele chegar a esse ponto. São todas coisas incríveis, concordo. Sério, eu incentivo você a sentir tudo isso, principalmente se ele tiver uns bons centímetros.

Não seja chata; flua como uma cachoeira, calma e feliz.

Ruja para a vida. Na vida.

Não se feche; seja livre como uma gota de chuva.

E o mais importante de tudo: *viva*.

Meu maior conselho para todos vocês é, independentemente do que faça, não volte para aquele cara com quem você passou uma noite espetacular de sexo há pouco apenas para satisfazer as necessidades do seu corpo traíra, se estiver tentando se manter longe do amor, se divertir, viver um pouco, amar alguém por uma noite e seguir em frente. Porque, se você ficar voltando para o mesmo cara, ah, não sei... cerca de cem vezes... em algum momento, o que *vai* acontecer é que você vai começar a ter sentimentos por esse cara.

Olha só... eu tenho um coração, quem diria? Você não estava contando com isso, não é? Então, você começa a se apaixonar, como eu. Lentamente. No começo, pode ser que sinta uma pontada de algo que não sabe o que é porque ele sabe usar aquele pauzão enorme que tem (por acaso, isso se chama orgasmo, não amor). Ele vai te envolver em muitos sentimentos quando estiver usando o pauzão com você. E sim, ele vai ser bom, mesmo; os caras que arrasam corações costumam ser bons na cama.

Mais motivos pelos quais você vai chorar quando ele se cansar de você. Bom pra caramba, né?

Mas, com o passar do tempo, você, bobinha, vai começar a colocar mais significado no baita orgasmo que vai alcançar sempre que ele chegar perto de você com aquele pau enorme. E então, o sorriso dele vai começar a deixar tudo complicado, ou talvez o modo como ele toca seu rosto deixe tudo complicado, ou o modo como te olha enquanto você tira a camiseta na frente dele — pegando fogo e tal. Então, aquelas palavras perversas dele entrarão no seu coração *e* no seu cérebro. E talvez, *quem sabe?*, você comece a se sentir segura porque ele de fato parece se importar com você. E, de alguma forma, antes que você consiga se afastar... antes de sequer perceber o que seu coração está fazendo pelas suas costas...

Pronto!

Você se apaixonou.

Parabéns. E porra, vá se foder, querido coração!

Agora você pode se deliciar completamente com a tristeza que virá em seguida.

Claro, não posso falar por todo mundo, mas pelo menos foi o que

aconteceu entre mim e Jameson, meu primeiro e único amor de faculdade, então você pode julgá-lo por essa melação.

Fazia exatamente seis dias e vinte e uma horas que ele tinha deixado Los Angeles e se mudado para Pittsburgh, pois ia começar num emprego idiota em uma empresa nova e idiota, me deixando para trás, um pouco arrasada, e desabrigada, essencialmente.

Se você está querendo entender como eu consegui me apaixonar por esse tal de Jameson, que arrasou meu coração... preciso voltar um pouco. Conheci Jameson em um grupo de estudos da aula de Economia. Ao contrário da crença popular, eu não corria para a cama com alguém que tinha acabado de conhecer — e não foi o que fiz. No começo, só aproveitei a vista e decidi ficar babando por ele... porque isso é sempre bem divertido, né? Ah, a ansiedade, os olhares furtivos, todos aqueles lances bonitinhos. Então, algumas semanas depois, nós simplesmente caímos em uma cama que ficava ali perto. E foi simples assim, eu juro.

Totalmente por acaso, pode acreditar.

Eu me lembro de ter visto umas tatuagens no peito e nos antebraços dele, e então, ele se virou e eu vi a bunda durinha. De repente, estávamos na cama, e ele estava proporcionando a mim e à minha querida vagina o melhor momento da minha vida. Já contei como é bom transar com caras de pauzão, né? Eu não teria reclamado se ele fosse um pouco mais grosso, mas beleza... acho que não se pode ter tudo.

Então, eu quis repetir. Lembro de ter dito para mim mesma: *Só mais uma vez, Lucy, e acabou.* Eu sinceramente acreditava que seria um crime não viver aquela excitação de novo, e não sou criminosa. O que poderia dar errado, não é...?

E aí, acabamos com algumas noites de sexo casual por semana. Então, teoricamente, ele não foi um lance de uma noite e nada mais, mas eu ainda gostaria de dizer que sim, ele foi só isso. Ele também provou ser osso duro de roer quando começou a adormecer na minha cama antes de o meu cérebro recomençar a funcionar direito o suficiente para que eu me lembrasse por que precisava mandar ele ir embora.

Mas o engraçado é que foi assim que acabei indo dormir nos peitos da minha melhor amiga Olive. Dormir e se aconchegar com o cara com quem você divide uma noite de sexo casual é um grande erro. A melhor parte: os

peitos de Olive eram simplesmente o melhor travesseiro do mundo inteiro! Pode acreditar. Tão macios, mas tão firmes. Eram mágicos, basicamente, mas isso é história para outra hora.

Resumo da ópera: eu estava me apaixonando pelo Jameson. Pensei que talvez fosse a hora de eu dar uma chance ao velho amor para ver se eu ainda andava amaldiçoada ou não. É verdade, eu não estava esperando um felizes para sempre na primeira tentativa, necessariamente, porque a vida real raramente é cheia de unicórnios voadores peidando arco-íris nas nuvens, mas, caramba, eu também não pensei que seria só um lance fugaz. Eu só estava colocando a ponta dos dedos na água, não estava tentando me eletrocutar.

Então, sim, ainda estava amaldiçoada.

Nada de amor para esta mulher. Eba... acho.

— Oi? Lucy? Ah, você está aí. Tem algum motivo pra você estar falando sozinha? — Olive perguntou quando apareceu no fim do corredor, onde eu estava largando um saco de lixo cheio de roupas do Jameson.

Eu me endireitei e suspirei quando a vi. A calça de yoga e a camiseta branca folgada que ela estava usando eram praticamente seu uniforme quando ela não queria pensar no que vestir. E, folgada ou não, seus peitos ainda assim ficavam bonitos. Os cabelos loiros estavam presos em um coque despenteado no topo da cabeça e pareciam não ser lavados há muitos dias. Eu achava que ela tinha saído direto do local onde escrevia.

— Não tem motivo. Só estou me divertindo — respondi, limpando o suor invisível da testa com as costas da mão. — O que você está fazendo tão cedo aqui? Pensei que viria mais tarde. E tem motivo para parecer que não toma banho há uma semana?

Ela estava vasculhando os sacos de lixo que eu tinha encostado na parede, dentro dos quais estavam as roupas que Jameson havia decidido doar. Ao ouvir minha pergunta, Olive levantou a cabeça e abriu um sorriso.

— Não uma semana, mas talvez dois dias? Tenho que escrever só mais alguns capítulos da história até chegar ao fim, oficialmente. — Ela deu de ombros e voltou a mexer nos sacos, e só Deus sabia o que ela estava procurando. — E, de qualquer modo, quem tem tempo pra tomar banho?

Não era uma pergunta, mas eu respondi mesmo assim — baixinho, claro:

— As pessoas que gostam de ficar limpas e não fedorentas como você,

talvez?

— E, respondendo à sua pergunta ingrata — ela continuou —, cheguei cedo porque sou a *melhor* amiga que alguém poderia ter. Por que temos que mexer nas roupas dele? Por que o safado não as levou?

— Nós não vamos mexer nas roupas dele, quem vai mexer é você. Eu já mexi. Vou deixá-las do lado de fora. Jameson enviou uma mensagem para dizer que o amigo dele vem cuidar disso. Pra mim tanto faz.

— Também poderíamos queimá-las para passar uma mensagem clara. — Ela empurrou um dos sacos na direção da porta e levantou minha bolsa amarelo neon pequena, de fim de semana.

— E que mensagem seria, exatamente?

— Não sei... para mostrar que somos uma frente unida contra ele? E seria terapêutico pra você também.

— Certo. O que acha de nos concentrarmos em me tirar daqui o mais rápido possível, então?

Ela deu de ombros e pegou a bolsa que eu estendia para ela.

— Olha, tenho certeza de que o Jason teria dito algo se eu cheirasse mal. E olha quem está falando: você tem cara de morte requentada. Seus belos olhos azuis estão praticamente mortos. Até seus cabelos escuros parecem... mais escuros.

Levei as mãos ao coração e pisquei, ofendida.

— Aaah, obrigada, minha Olive. Você também está linda, com os cabelos oleosos e os olhos sonolentos. Juntos, tudo isso faz maravilhas para sua pele.

Com um sorrisinho, ela balançou a cabeça e levou os sacos até seu carro. Abri a porta do banheiro e conferi o armário de remédios para ter certeza de que não tinha deixado nada para trás. Então, só pra garantir, conferi o quarto de novo. Quando eu tive certeza de que tudo estava empacotado e pronto, levei minha última mala para a sala de estar, onde Olive estava à minha espera, com uma garrafa cheia de tequila.

— Comprei isto — ela disse, usando as mãos para me mostrar a garrafa, como se aquela belezinha precisasse de mais apresentações.

Dei uns passos para chegar ao lado dela, arranquei a garrafa de suas mãos, ignorei o fato de ela ter se assustado e sentei com tudo no sofá cor de cocô, como eu gostava de dizer. Enquanto eu me ocupava tentando abrir a garrafa,

Olive se sentou ao meu lado. Tomei um gole e fiz uma careta quando o líquido desceu queimando minha garganta. Em seguida, devolvi a garrafa para ela, que esperava.

Olive era minha amiga há três anos e meio, e eu duvidava que alguém me conhecesse melhor do que ela.

Ela era escritora — uma escritora de muito sucesso que tinha ido para a lista de mais vendidos com seu primeiro romance. Minha parte preferida era o fato de ela ser a esposa sortuda do ator mais gato de Hollywood, que era seu amor de infância. Seria de se pensar que esse tipo de coisa só acontecesse nos livros, mas não; aconteceu de verdade com ela. Ela conquistou o cara mais gostoso. Eu gostava de pensar que tinha dado um incentivo para que ela seguisse na direção certa, para que fosse atrás do que queria, mas a química dela com o cara era coisa de outro mundo, por isso eu sabia que, com ou sem minha influência, eles teriam acabado juntos. E, bem, apesar de ser uma celebridade, Jason Thorn também era um dos bons. Era completamente apaixonado por Olive — caso contrário, eu teria planejado uma maneira de atacá-lo para tirar as patas dele de cima da minha melhor amiga.

— E então... — Olive começou a falar depois de tomar um gole de tequila e tossir algumas vezes. — Qual era o tema da conversa que você estava tendo consigo mesma quando entrei?

Tomei mais um gole, um grande. E definitivamente desceu mais fácil.

— Na verdade, eu estava pensando sobre seus belos peitos e em como você é muito egoísta com essas belezinhas.

Ela ergueu uma sobancelha para mim e puxou as pernas para cima do assento, querendo ficar mais à vontade.

— Quem disse que sou egoísta? Eu os compartilho muito com meu marido.

Abri um sorriso para ela.

— Está pronta para compartilhar *como*, exatamente? Quero detalhes. Tipo, qual é a posição preferida dele? De quatro? Ele cuida dos seus peitos? Ele é cuidadoso com eles? — Eu sabia que ela não contaria, porque eu já tinha tentado; não entendia por que, e isso nunca me impediu de tentar conseguir respostas. Além disso, era divertido observá-la incomodada. Era isso que os amigos ganhavam por darem detalhes importantes como aquele.

— Desculpa, não vai rolar.

Eu me esforcei para olhar para ela com cara de má e ofereci um pouco de álcool, mas ela recusou, o que foi bom por dois motivos. Primeiro, porque sobrava mais — eba! — e, segundo, bem, porque ela perdia as estribeiras quando ficava bêbada.

— Não quero dar uma de amiga mal-agradecida, mas achei que você tinha dito que viria às duas da tarde, não às dez da manhã. E você chegou com presentes também. Está sendo legal comigo porque sou uma coitada?

Ela olhou para mim com cara de quem não tinha entendido nada.

— Coitada? Coitada por quê?

— Por causa do amor, claro — respondi, falando como se estivesse abismada. — Fui usada e abusada, mas não no bom sentido.

Ela revirou os olhos e focou no telefone, que vibrava dentro da bolsa. Conferiu a tela e suspirou:

— Desculpa, minha coitadinha, preciso atender essa ligação. Estou agendando reuniões com possíveis agentes.

— Pode fazer isso, eu vou continuar aqui bebendo tequila.

Assim que ela saiu da sala, fechei os olhos e encostei a cabeça no sofá.

Então, Jameson tinha partido. Eu não estava mais em um relacionamento. Mas e daí, né? Para começo de conversa, eu nunca pretendi ter um relacionamento. Deveria estar feliz. Deveria me sentir melhor sabendo que estava certa por achar que existia uma maldição na nossa família.

Se eu sentia algo parecido com felicidade naquele momento? Nem de longe. Mas eu sabia que iria sobreviver, por isso não havia motivo para agir como se a vida tivesse terminado. Graças à minha família, eu tinha passado por coisas piores. Jameson era um santo comparado com eles.

Quando Olive voltou, tentei desviar o olhar para que ela não pudesse ver meus olhos marejados.

Ah, pare. Eu não estava chorando baixinho por nada, só era alérgica ao bendito apartamento.

— O que acha de sairmos daqui? — Olive perguntou, sussurrando.

Aparentemente, eu não tinha desviado o olhar depressa o suficiente. Sequei uma única lágrima e tomei o último gole da garrafa. Por mais que eu quisesse encher a cara com minha melhor amiga, possivelmente iniciar um

incêndio e fazer bonecas de vodu bem dotadas, eu não podia. A vida adulta é um saco.

— Sim. Deveríamos fazer isso — concordei.

Olive esticou o braço para pegar a garrafa que eu segurava, e eu, logicamente, relutei antes de deixar que ela a pegasse.

— Vou cuidar disso, e continuamos depois.

— Promete?

— Prometo. — Ela estreitou os olhos para mim. — Olha, quer saber? Até deixo você se aconchegar em mim.

Eu me animei e ergui as sobrancelhas para ela.

— E enquanto eu me aconchoo em você, você vai se aconchegar no seu lindo marido? — Eu me endireitei. — Olive Thorn, você está me oferecendo uma sessão de chamego a três porque estou sofrendo por amor? Se for isso, estou totalmente a fim.

— Não, sua pervertida, o Jason tem gravação hoje. Vou fazer carinho até você dormir. Depois, vou sair do seu quarto na ponta dos pés e dormir com meu lindo marido.

— Ah, agora você está girando a faca que já está fincada no meu coração.

— Ótimo, porque ainda estou brava com você, sabia?

Fiz cara de triste.

— Comigo? O que eu fiz? Sou a coitada aqui.

— E eu sou sua amiga. Você esperou seis dias para me contar o que aquele idiota fez. Você desrespeitou meus direitos de amiga.

— Ah, pare com isso. Você não pode ficar brava por esse motivo. Só não queria que você ficasse triste comigo. Eu me dei uma semana para chorar até cansar, e foi o que fiz. Não demorou nem uma semana. Agora acabou. Chega. Já foi. Esta noite vamos comemorar a solteirice. Guardei pra você a melhor parte: as comemorações. Vamos fazer uma festa do Tinder e passar todo mundo para a direita. Na minha opinião, sou uma baita amiga.

Ela me estendeu a mão e me puxou para me levantar.

— Não. Você roubou meu direito, simples assim. Não pude chorar com você nem xingar o Jameson por ter te deixado. Agora, como vou fazer a transição da tristeza para a raiva e ir direto para a comemoração? Ainda estou brava. E estou triste também, porque minhas emoções estão todas

bagunçadas. Enchi a cabeça do Jason durante toda a noite depois que você me ligou. Ele concorda totalmente comigo. Você violou meus direitos, sim, senhora.

Inclinei a cabeça e dei um tapinha em seu braço.

— Ah, você me ama. Eu te abraçaria, Olive, minha linda, mas seu cheiro de perto fica pior ainda.

Ela me empurrou com força. Rindo, caí sentada no sofá.

— Não precisa ser uma cachoeira nervosa, Olive. Seja um lago. Como eu. Veja como estou calma. Ótimo — acrescentei quando ela permaneceu à minha frente erguendo uma sobrancelha. — Se fizer você se sentir melhor, provavelmente vou chorar um pouco mais hoje à noite, por isso você ainda tem a chance de ficar mal comigo.

— Agora estamos falando a mesma língua. Obrigada. Nem pense em chorar no começo das comemorações, tá?

Balançando a cabeça, sem acreditar, eu me levantei quando começamos uma discussão lógica a respeito do tempo que eu deveria passar chorando antes de dar início às comemorações.

Depois que Olive me ajudou a levar a última mala para o carro, eu a deixei com as sacolas e subi para dar uma última olhada, e foi assim que me vi sozinha na sala de estar, só observando. Lembrando.

Quando Jameson sofreu o acidente de moto alguns meses atrás, Olive e eu corremos para ficar com ele no hospital. Aquela foi a primeira vez que admiti que o amava.

Quando ficou óbvio que ele não conseguiria cuidar de si com todos aqueles ossos quebrados, perguntei se ele queria que eu me mudasse para a casa dele para poder ajudá-lo. Quando ele abriu aquele sorriso sexy e confiante — aquele que incentiva nosso cérebro a fazer coisas idiotas — e disse ter pensado que eu nunca perguntaria, fiquei aliviada por dois motivos.

Primeiro, porque eu nem teria que surrá-lo até ele notar que precisaria de mim enquanto ainda estivesse em uma cama de hospital. Porque, francamente, isso não pegaria bem para mim, e, sim, eu gostava da cara dele um pouco demais para estragá-la. Segundo, eu poderia sair de um apartamento que estava dividindo com duas pessoas bem idiotas — ex-amigos idiotas, para falar a verdade, tanto para Olive quanto para mim.

Por causa da mudança repentina, eu não tinha levado muitas coisas. Não tinha muitas coisas, de qualquer modo, e, aos 22 anos, beirando os 23, ter só algumas malas cheias de coisas era meio deprimente.

Pensando bem, notei que agora eu era a orgulhosa dona de novas lembranças. Lembranças que não desapareceriam do nada. Lembranças que eu gostaria que não fossem minhas, porque nenhuma delas, nenhum dos “eu te amo” ditos pelo Jameson, me aqueceria à noite.

Não. Aquelas lembranças tomariam minha mente e me fariam lembrar do que eu nunca teria na vida. Porque, sim, isso mesmo... a porra da maldição.

— Cara, essas escadas estão me deixando destruída. Já acabamos? — Olive perguntou quando se posicionou ao meu lado.

— Parece que sim — respondi, secando as mãos suadas na legging. — Está pronta para sair daqui?

— Não era pra eu te perguntar isso?

— Não sei. Será?

Ela me olhou por alguns segundos, provavelmente tentando entender se eu estava zombando dela.

— Que nada — ela disse, por fim, entrelaçando o braço no meu. — Não precisa perguntar. Você está pronta para fechar essa porta. Isso já é história velha, não é?

Respirei fundo e encostei a cabeça no ombro de Olive.

— Gostaria de ter a mesma certeza que você tem, minha Olive querida.

— Está querendo me dizer que Jameson ainda não é passado? — Ela começou a falar com mais jeitinho: — Tudo bem se ele não for, Lucy, você sabe disso, não sabe?

— Ah, o imbecil que arrasou meu coração é passado, com certeza, mas não tenho certeza de que nossas lembranças e de que todos os “eu te amo” que ele sussurrou pra mim aqui dentro são passado. E não é assim que as coisas são? A gente esquece o cara muito antes de esquecer as lembranças.

Ela apoiou a cabeça na minha e perguntou:

— Tem certeza de que você está bem, Lucy? Adoro saber que você vem morar com a gente...

— Temporariamente — digo, mas ela meio que me ignora.

— ... porque eu odiaria que saísse da cidade, e o que mais você faria?

Jameson foi o primeiro cara que, em quatro anos, conseguiu abrir um buraco nesses muros que você ergueu para proteger seu coração. Sei que o amava. Eu via.

— Eu o amava, sim — concordei depois de um momento de silêncio. Eu já tinha feito a mesma pergunta para mim mesma diversas vezes depois da partida dele. — Mas eu já te disse, ele não me chamou para ir com ele, Olive. Ele nunca se sentou comigo e me explicou seus planos, nunca perguntou quais eram os meus. Só me informou que tinha recebido uma proposta de emprego e que tinha que ir embora. Ah, e acrescentou que sentiria muito a minha falta. E só. Foi tudo o que ele fez. Não vou sair correndo atrás de alguém que não me quer por perto.

— Você teria ido com ele, se ele tivesse pedido?

— Nunca saberemos disso, não é? É uma merda, sabe, foi tudo muito civilizado. Nem sequer pude jogar um vaso na cabeça dele nem nada assim. Não tive a chance de fazer sexo selvagem com ele para fazer as pazes. Eu me sinto roubada por não ter tido isso. Ele simplesmente me comunicou dos planos dele e disse que o aluguel do apartamento venceria no fim do mês. Foi tudo muito... nem sei o que foi. A única coisa que sei é que ele nunca me chamou para ir com ele, e nem se eu aceitaria ir. Eu não estava nos planos dele, por isso quero que ele se foda. Não é porque o cara me fazia gozar gostoso que eu imploraria para ele, pode ter certeza. — Eu me endireitei e virei para voltar à sala de estar. — Sim, ele que se foda, ele e tudo sobre ele. Vou ficar com vocês até encontrar um emprego, depois vou parar de te perturbar.

— Você vai ligar para a sua avó...

— Ela é a *última* pessoa para quem pretendo ligar. Terminei um namoro; acontece todo dia. Eu preferiria ligar para o Jameson a ligar para Catherine. Não sou louca.

Ela olhou para mim com cara feia e abriu a boca para dizer alguma coisa, mas agarrei seu braço e a levei em direção à porta.

— Está terminado, Olive. Claro que Jameson não era a pessoa certa para mim. Nem todo mundo tem um final feliz, o que está ótimo também. Estou totalmente à vontade com isso. Agora, será que podemos continuar essa conversa desnecessária na sua casa? De preferência quando eu estiver com mais álcool no sangue?

Ela riu, mas saiu do apartamento sem que eu precisasse empurrá-la até o carro. Peguei a chave enquanto saíamos e dei uma última olhada ao redor.

— Só para você saber — falei para Olive, que estava de pé atrás de mim, provavelmente para que pudesse me pegar se eu decidisse me jogar no chão arrancando meus olhos. Acho que ela estava ansiosa para se sentir péssima comigo. — Nunca mais vou dizer “eu te amo” para nenhum cara. Pode escrever o que estou dizendo. Assim que dizemos “eu te amo”, a coisa desmorona. Estou de saco cheio disso. Não me importa se ele for um deus na cama, nem se tiver um pauzão de trinta centímetros. Chega de falar “eu te amo”.

Ela conteve uma risada, então olhei para trás.

— Um pauzão de trinta centímetros? Caramba, Lucy.

Abri um sorriso malicioso para ela.

— Nada de “caramba”, é uma coisa que vou aproveitar, se acontecer, mas nem um cara com um pau de trinta centímetros vai me ouvir dizer “eu te amo”. Posso me declarar para o pau dele, não para ele. Se um dia cometer esse erro, pode me beliscar ou virar um balde de água fria na minha cabeça, qualquer coisa que me faça acordar.

Tranquei a porta, olhei para Olive e esperei sua resposta.

— Tudo bem. — Ela suspirou e me afastou da porta. — Vou te machucar, se acontecer.

— Ótimo. Agora que isso está resolvido, você pensou no que eu disse antes?

— A respeito do quê?

— A respeito de você e seu marido me adotarem. Olha... passei um tempo pensando nisso, e acho que pode ser bom para todos os envolvidos.

— É mesmo? Por favor, me conte sobre esses benefícios.

— Primeiro benefício: você sabe como eu babo quando vejo seu marido sem camisa no cinema? Então, vou parar de encarar quando ele aparecer sem camisa no cinema.

— Um bom começo, eu diria. Conta mais.

— Segundo benefício: você vai ter que me aconchegar com mais frequência, porque, olha, vou ser sua filha. Você vai ter que demonstrar amor me aconchegando.

— Interessante. Alguém além de você se beneficia com essa adoção? Porque você acabou de dizer...

— Ah, ainda não pensei tão à frente assim. Meu Deus, Olive. Sou uma coitada, lembra?

— Certo...

MAIS UM CASAMENTO DE HOLLYWOOD CHEGA AO FIM

Há dois meses, demos a triste notícia do fim do casamento de Adam Connor (28) e Adeline Connor (26), e não foi à toa que isso chocou todos do meio. Na verdade, algumas pessoas pensaram se tratar de uma mentirinha para promover o último filme de Adeline, mas, infelizmente, hoje recebemos a notícia de que o casal assinou a papelada do divórcio para pôr fim à história de amor de quase seis anos.

Depois de todas essas semanas, ainda não sabemos o que aconteceu entre os astros. Fontes próximas do casal divergem a respeito do que pode ter levado ao fim da relação, mas até agora não pudemos confirmar nada. Só há uma coisa com a qual todos concordam: não houve traição. Nesse aspecto, ao longo do casamento de curta duração, nem Adeline nem Adam foram flagrados com outra pessoa pelo bando de paparazzi que sempre os segue por aí.

Para quem não se lembra, o casal apaixonado se casou depois de namorar por mais de um ano. Adeline Young tinha só 21 anos quando disse “sim” e se casou com o galã em uma cerimônia discreta em Paris, com a presença de somente alguns familiares, e apenas sete meses depois, ela deu à luz seu filho, que agora tem cinco anos, Aiden. Como todos sabem, Adam Connor é filho de Helena Connor e Nathan Connor, o lendário casal de Hollywood. Apesar de a filha deles, Victoria Connor, não ter seguido os passos dos pais tornando-se atriz, Adam Connor está no mundo da interpretação desde os 14 anos e seu primeiro filme, O Veneno de Família, foi um sucesso de bilheteria.

Apesar de todo o drama que devem estar vivendo, Adam prefere se calar quando perguntam a respeito de seu casamento. No entanto, uma fonte nos disse: “Depois de passar meses amargando o término, Adeline finalmente está pronta para seguir em frente. Para isso, ela está se preparando para

uma coletiva de imprensa na qual responderá a todas as perguntas da mídia a respeito de seu casamento com Adam e por que ele chegou ao fim”.

Por outro lado, quando tentamos falar com os representantes de Adam Connor, não recebemos resposta sobre nada relacionado ao casamento dele com Adeline. Só conseguimos obter a informação, com o amigo de longa data e agente de Adam, de que o ator quis se concentrar no filho do casal, Aiden, durante e depois do divórcio. O casal tem guarda compartilhada do filho, mas pelo que temos ouvido a respeito disso, não sabemos ao certo se essa situação se manterá por muito tempo.

Quem quer a guarda exclusiva e por quê? Esta parece ser a pergunta mais importante. Se o casal realmente terminou o casamento numa boa, por que se preparariam para brigar pela guarda do único filho?

Algo bom nisso tudo é que acabamos de confirmar que Adam Connor recentemente comprou a propriedade vizinha à do nosso casal recém-casado preferido, Jason e Olive Thorn. O galã taciturno foi fotografado ontem deixando a nova residência com seu filho.

Se você tiver um bom dinheiro guardado, sugerimos que procure comprar uma casa, um abrigo, qualquer coisa que puder em Bel Air. Dois dos mais gatos astros de Hollywood morando lado a lado com apenas um muro separando-os? Certo, um deles pode não estar mais disponível, mas Adam Connor está livre para voar, garotas. Vocês não dariam todas as suas economias para serem vizinhas dele? Nós certamente faríamos isso!



CAPÍTULO DOIS

Zuzi

— Shhh, silêncio — sussurrei depressa.

— Shhh, você! Não fiz nada.

— Eu não disse que você fez alguma coisa. Eu pedi silêncio. Você vai estragar tudo antes de conseguirmos ver alguma coisa — sibilei para Olive.

Ela resmungou, provavelmente irritada comigo, mas ficou quieta enquanto levávamos a enorme escada em direção ao muro de pedra da propriedade deles.

Muitas horas haviam se passado desde que tínhamos deixado o apartamento de Jameson, e que eu tinha oficialmente me mudado para a sala de visita da minha amiga. Como prometido, já tínhamos comemorado a mudança e o rompimento com muitas doses de tequila e várias margaritas cada. Talvez também já tivéssemos usado a sala de projeção como nosso karaokê e assassinado umas músicas pelo caminho, mas atribuímos a péssima performance ao tempo ruim porque normalmente arrasávamos cantando todas as canções.

Enquanto estávamos deitadas olhando para o teto, Olive recebeu uma mensagem de texto de Jason dizendo que se atrasaria para a nossa fossa, e foi exatamente quando me lembrei de que não era uma boa ideia deixar Olive beber mais do que quatro doses de tequila. Depois que a consolei, já que ela estava chorando porque Jason se atrasaria, ela decidiu que seria ótimo pegar a escada que tínhamos visto os jardineiros usarem mais cedo e conferir o lado do muro de Adam Connor — o astro bonitão de cinema que tinha se mudado para lá alguns meses antes. Como eu poderia dizer “não” a um plano tão bom? Nosso plano não incluía espia-lo nem nada assim. Bom, claro que não éramos de perseguir, só queríamos ver como era a casa dele, sabe? Afinal, casas são muito importantes. É sempre uma conquista na vida ter um teto sobre a cabeça da gente.

E se por pura sorte o víssemos andando meio pelado pela casa — ou,

quem sabe?, totalmente pelado —, bom, não seria nossa culpa estarmos olhando, né? A culpa seria única e exclusivamente dele.

Então, esse foi o motivo de termos ido parar no quintal de Olive, levando aquela maldita escada.

— E se ele estiver pelado, Lucy? O que a gente vai fazer?

— Hum... ver se ele está nu por vontade própria? É praticamente atentado ao pudor, mas não vamos chamar a polícia, eu acho.

— Está falando sério?

— Claro que não! Cuidado por onde anda, tem uma árvore atrás de você.

Depois de me olhar de cara feia, ela olhou para trás e quase bateu no tronco da árvore.

— Ah, valeu.

Sorri e balancei a cabeça. Jason se surpreenderia muito quando encontrasse a esposa caindo de bêbada.

Quando já estávamos bem perto, lentamente abaixei a ponta da escada que eu estava segurando.

— Não solte, tá? Precisamos apoiá-la no muro.

— Sei o que precisamos fazer, pare de me dar ordens. E, por favor, pare de bater no meu arbusto!

— Meu Deus, Olive, estou sendo arranhada nesse arbusto idiota aqui, e você não está nem um pouco preocupada com a possibilidade de eu morrer de hemorragia.

— Não se preocupe, você não vai morrer por causa de uns arranhões. Sem contar que isso tudo foi ideia sua. Vou ficar repetindo isso quando o Jason chegar em casa e nos pegar aqui. — Ela cantarolou a última frase enquanto eu fazia o melhor que podia para me afastar do arbusto mortal.

— Ideia minha?

Resmungando, eu a ajudei a encostar aquela porcaria pesada no muro. Quando ouvi um barulho alto de batida, fiz uma careta e caí sentada no chão entre o arbusto e o muro de pedra.

— Merda — Olive sussurrou e abraçou a escada. — Você acha que ele escutou?

— Quem?

— Adam Connor.

— Acho que a vizinhança toda escutou isso, mas vamos torcer para Adam ter problemas auditivos.

— Então vamos, levante-se. Quero dar uma olhada. — Ela deu a ordem enquanto pulava com uma perna só e depois com a outra e tentava alcançar além do muro. — Vamos só dar uma olhadinha, tá?

— Tá, tá. Você já falou. E não vamos fazer disso uma rotina. Vamos olhar só uma vez e pronto.

— Sim, e pronto, Lucy. Fico aliviada por você ter dito isso.

Aquele não era exatamente o muro mais alto que existia, o que era uma pena para o muro, mas também algo esquisito, levando em conta a obsessão que os ricos têm com segurança. Mas, pensando bem, acho que quando dois astros de cinema, igualmente gostosos e bem-sucedidos, se tornam vizinhos, um não tem motivos para desconfiar do outro.

Rapidamente preendi meus cabelos, na altura dos ombros, em um rabo de cavalo. Segurando a escada, eu me levantei do chão.

— Então, como faremos isso? — perguntei enquanto batia a poeira da calça jeans. Os degraus eram bem largos, possivelmente largos o bastante para acomodar nós duas, mas subirmos ao mesmo tempo seria impossível, levando em conta que nós duas estávamos bêbadas. Era possível que acabássemos mortas.

Quando olhei nos olhos verdes de Olive, ela deu de ombros e fez um sinal para que eu fosse primeiro, então fui.

— Quando eu estiver lá em cima, você também pode ir. Você é mais alta do que eu, por isso fique num degrau abaixo, tá? — Ela não respondeu e só ficou pulando por ali, e eu fiz uma careta e sussurrei: — O que você tem?

— Preciso fazer xixi, mas estou segurando. Vamos, vamos logo com isso.

— Vou te lembrar que você disse isso se for preciso, e tente não mijar em mim enquanto estiver aí.

Segurei os dois lados da escada e apoiei o pé enquanto Olive colocava as mãos no meu traseiro para tentar me empurrar para cima.

— Não sou uma molenga.

— Do que você está falando, Olive?

— Vamos, vai mais rápido!

— Meu Deus! Tudo bem! — exclamei, olhando para ela. — Acalme-se, mulher.

Quando minha cabeça ultrapassou a altura do muro, parei e olhei para Olive, que já estava subindo.

— Vá um pouco para a esquerda — ela demandou, bufando, antes de se segurar no meu tornozelo e se equilibrar.

— Tem certeza de que você está bem...

— Tenho certeza. Suba mais um degrau. Não consigo ver nada.

— Você está vendo quem é a mandona, né? — murmurei, subindo mais um degrau para poder olhar por cima do muro. Apesar de as luzes da casa estarem acesas, pelo que pude ver, não havia ninguém no quintal. Ainda assim, eu quis fazer as coisas com segurança e não parecer uma intrometida espionando por cima do muro para tentar olhar dentro da casa.

— O que você está vendo? — Olive perguntou quando finalmente conseguiu subir.

— *Eu* estou vendo um quintal vazio e o que parece ser uma casa igualmente vazia. O que *você* está vendo?

— Acho que estou vendo a mesma coisa. Droga, não conte ao Jason, mas eu só queria vê-lo uma vezinha, sabe? Claro que nós ficamos babando quando vemos os filmes dele. — Ela balançou a cabeça e se ergueu um pouco mais, tentando se equilibrar. — Faz meses que ele se mudou para cá, mas nunca nos encontramos. Além do mais, Jason não está colaborando muito em relação a isso. Eu já pedi para ele me apresentar ao...

Lancei um olhar de reprovação para ela.

— Você pediu para ele *nos* apresentar, não é? Não só você.

— Nós, isso mesmo. É claro que eu disse nós. Quem ama, compartilha. Ah! Lucy, olha!

Ela apoiou o queixo no muro, então fiz a mesma coisa para ver o que ela estava vendo.

— O quê? Cadê ele? Não estou vendo.

— Não é ele — ela sussurrou desesperada.

— Quem você viu, então? Fala!

— Eu acho... espera, olha lá! Olhe para a janela atrás daquela planta enorme à direita.

Estiquei ainda mais o pescoço, expondo meu rosto todo.

— Ah, é o filho dele?

— Deve ser. Own, ele é uma gracinha, Lucy. — Ela ficou toda derretida ao meu lado, com a voz melosa.

— Ai, meu Deus, por favor, não comece a chorar de novo, não enquanto estivermos correndo risco aqui.

— Eu te disse que não sou molenga. Não vou chorar.

Na quietude da noite, observamos o menininho apoiar as mãos na janela e olhar para fora com o rostinho bem triste. Depois de alguns segundos, ele se virou abruptamente e olhou para cima como se conversasse com alguém. Por mais que tentássemos, não conseguimos ver quem estava atrás dele.

— Não se encoste demais em mim — falei com urgência, quando o ombro de Olive pressionou o meu numa tentativa de ver para quem o menino estava olhando.

— Acho que é ele — ela gritou, ignorando meu aviso.

Enquanto eu fazia o melhor que podia para não cair da escada, a pessoa misteriosa deu um passo à frente e se ajoelhou.

— É ele — sussurrei para Olive.

Observamos Adam Connor acariciar os cabelos loiro-escuros do filho e erguer seu queixo com os nós dos dedos.

Eu estaria mentindo se dissesse que meu coração não começou a bater mais forte. Afinal, o safado era bem bonito, e eu não tinha culpa se meu coração era fraco. Não conseguíamos ver o rosto deles com clareza, mas vimos os lábios de Adam se articulando, e então o filho se jogando nos braços do pai, abraçando-o pelo pescoço.

— Parece que estamos fazendo algo ruim — falei quando o menino repentinamente se afastou do pai e saiu correndo para fora do alcance dos nossos olhos.

— Sim, nós *estamos* fazendo algo ruim, Lucy. O que vimos pareceu ser um momento de intimidade. É melhor descermos.

— Sim, é melhor.

Apesar de concordarmos que não era legal ficarmos olhando, nenhuma de nós se mexeu. Não conseguíamos.

Adam baixou a cabeça por um instante quando o filho saiu dali, e então se levantou, aproximando-se da janela.

Olive e eu ficamos tensas, prontas para desaparecer se ele decidisse sair, mas ele só ficou parado ali, com as mãos nos bolsos, o olhar parado nas luzes fracas que vinham da piscina.

— Puta merda — Olive disse baixinho, e de repente eu me lembrei que não estava sozinha.

Estremeci e olhei para minha amiga.

— O que foi?

Ela olhou para mim e depois para Adam Connor.

— Nada. — Ela balançou a cabeça. — Não podemos vê-lo, de verdade, mas ele é bonito daqui. E... também parece estar triste. O divórcio deve ter sido difícil para ele e para o menino.

— Li que os dois quiseram o divórcio. Você acha que ele ainda a ama?

— Depois de tudo o que escreveram sobre Jason e mim, você já deveria saber que não se deve acreditar no que lê na internet. Eles têm um filho juntos; nunca é simples quando tem criança envolvida. Tenho certeza de que não sabemos o que está acontecendo na vida deles.

— Verdade. Nesse caso, eu poderia oferecer meu ombro amigo pra ele. — Parei para pensar nessa declaração por um segundo. — Ou, melhor ainda, meus peitos amigos. — Olive se virou para mim de repente. — Não faça essa cara. É só para ele poder chorar, sabe? Meus adoráveis peitos não são tão confortáveis quanto os seus, mas ainda assim uso sutiã 44, e eu seria bem delicada com ele. Faria carinho na cabeça dele, acomodaria ele na cama, talvez o aquecesse se ele sentisse frio depois de chorar. Compartilhar calor corporal é um processo muito importante. Poderíamos nos aconchegar embaixo das cobertas... brincar de esconder o pepino para deixá-lo animado.

— Pensei que você tivesse dito que não queria mais saber de homens.

— Falei que *não vou mais me apaixonar*, e mesmo que me apaixone, com certeza não vou contar isso a eles. Não falei que nunca mais vou me jogar em cima de certas partes do corpo. Os homens têm muitas utilidades que não exigem que eu esteja apaixonada. — Ignorando o olhar de Olive, dei de ombros e continuei observando Adam. — Sabe como é: para superar alguém, você precisa se submeter a outro alguém. Podemos nos submeter um ao

outro. Eu não sou nem um pouco exigente.

— Tá, vamos descer daqui antes que você pule o muro para pegar o coitado. Não estou gostando da sua cara.

— Que cara? — perguntei, lançando à minha melhor amiga um olhar inocente e um sorriso meigo. — Sou um anjo.

Ela riu e deu um tapinha na minha cabeça.

— Está mais para diaba.

— Epa! Isso é ofensa.

Enquanto discutíamos, Adam Connor levou a mão à gravata para afrouxá-la, o que fez com que eu dissesse um palavrão.

— O que foi? — perguntou Olive.

— Acho extremamente sexy quando um cara tira as roupas em câmera lenta.

Em silêncio, observamos enquanto ele tirava o blazer e o jogava em um lugar que não conseguimos ver direito.

— Está esquentando um pouco? — Olive murmurou.

— Shhh — sussurrei, totalmente concentrada para ver o que o bonitão de quase 1,90m e ombros largos faria em seguida.

Quando ele começou a desabotoar a manga esquerda da camisa, mantendo os olhos no horizonte com uma expressão indecifrável, engoli em seco tentando fazer descer o nó na minha garganta. Devagar, mas com destreza, ele começou a enrolá-la, expondo os antebraços — antebraços que eu teria feito qualquer coisa para ver de perto. Então, começou a fazer a mesma coisa com a manga direita, repetindo o processo enquanto Olive e eu observávamos tudo sem dizer nada.

— Minha nossa — Olive finalmente sussurrou quando Adam começou a massagear as têmporas com os dedos, a cabeça abaixada, os braços musculosos ainda maiores sob nosso olhar.

— Acho que acabei de me molhar — admiti.

— Como assim... ai, meu Deus, Lucy! — ela gritou alto o suficiente para acordar o bairro todo, depois começou a dar risada. Evidentemente, explodir meus tímpanos não era suficiente, então ela também me deu um tapa no braço, quase fazendo com que eu me desequilibrasse.

— Ei! — gritei em resposta, rindo baixinho. Para não cair, eu me segurei

no muro.

— Minha nossa, te odeio! — ela disse entre os dentes quando se acalmou o suficiente para conseguir falar. — Por que você disse aquilo?

Olhando para ela com cara de magoada, passei a mão onde ela me bateu.

— Como assim? O cara quase tirou a camisa, afrouxou a gravata e enrolou as mangas. Só acho que isso tudo foi sensual. Tem uma coisa chamada fetiche por antebraços. Sabia, né? Além disso, não tenho culpa se meu corpo reagiu ao cara.

— Você é impossível.

— Obrigada, eu tento me destacar. E relaxe, eu estava só brincando com você. Se eu estivesse mais perto dele, talvez ficasse molhada, mas não; a distância entre nós e o fato de eu não conseguir escutar a respiração dele estragaram tudo. Mas ainda quero pular nele.

— A respiração dele? Você acha que conseguiria...

Escutamos um clique e o som de algo sendo deslizado. Olive parou de falar e agarrou meu braço. Nós duas estávamos com aquela cara de “deu merda”, se querem saber, e a carapuça servia muito bem.

— Dan? É você aí?

Olive guinchou e levou a mão à boca para abafar o som para que não nos fodêssemos totalmente. O que nos salvava era o fato de o nosso lado do muro estar totalmente escuro e, por isso, não havia como Adam Connor nos ver. Fiz um gesto para que Olive baixasse a cabeça, e ela obedeceu sem questionar.

— É melhor que você seja um guaxinim, porque não estou a fim de chamar a polícia — a voz disse do outro lado do muro.

Olive olhou para mim, assustada, mas balancei a cabeça e pressionei o dedo indicador nos lábios para que ela não falasse nada. Sabíamos que não tinha como Adam saber que havia duas mulheres penduradas no muro do outro lado, mas ouvir os passos dele se aproximando na nossa direção não me ajudava a relaxar nem um pouco.

O silêncio recaiu de novo. Mais alguns segundos se passaram, e então os passos começaram a se afastar. Quando ouvimos o barulho da porta se fechando, Olive soltou a respiração que estava prendendo.

— Não vamos mais fazer isso — ela sussurrou, descendo da escada. Não

concordei na hora, então ela puxou minha camisa para chamar minha atenção. — Você escutou o que acabei de dizer?

— Sim, sim, não vamos mais fazer isso.

— Estou falando sério, Lucy.

— Espere aí, sra. Thorn, não foi a senhora a primeira a dizer que podíamos dar uma olhada por cima do muro?

— Não te ouvi discordar. Pelo contrário, na verdade. Lembro que você me parabenizou pela boa ideia. Vamos, desça.

Senti meu tornozelo ser puxado de novo enquanto ela descia.

Levantei a cabeça lentamente para ver se o belo exemplar de homem tinha saído dali e, para minha tristeza, não havia nem sinal dele. As luzes ainda estavam acesas, mas nada do colírio. Olhei para baixo e vi que Olive me olhava com cara de reprovação.

— O que foi?

— Você se lembra da mulher que se escondeu no nosso quarto no hotel em Londres, né?

— Não se preocupe, querida Olive, não pretendo invadir a casa dele.

Não que isso não tivesse me ocorrido, mas eu não me permitiria invadir nem entrar; não era tão louca assim. Tinha pensado em espiar por uma daquelas janelas enormes, mas, como eu disse, tinha que haver um limite, e olhar por cima do muro era o meu. Não me julgue. O que você faria se por acaso se tornasse vizinho de um de seus atores preferidos? É lógico que você espiaria o cara... ou, pelo menos, tentaria. Não tente negar.

Apesar de seus pais serem lendários, Adam Connor era um livro fechado. Claro que todo mundo sabia a respeito dele — antes mesmo de estrear seu primeiro filme —, mas ainda era meio misterioso. E quem não adora um cara misterioso? Eu sim, com certeza.

Ele era um cara calado, um daqueles atores que sorriem para as câmeras quando não querem responder a uma pergunta, um daqueles caras gostosos que só fala quando tem algo de bom para falar, absurdamente bem-sucedido no trabalho, casado aos vinte e três anos, aparentemente um bom pai, dono de um corpo de outro mundo... E esses eram apenas alguns dos atributos de Adam Connor. Claro, não dá para saber muito sobre uma figura pública apenas dando uma olhada no que está sendo dito sobre ela de vez em

quando...

— Lucy, você não pode invadir a casa dele.

— Eu não acabei de dizer que não planejo fazer isso? — perguntei a Olive baixinho enquanto descia.

— Só de você falar isso já me assusta. Quer dizer que isso te ocorreu em algum momento.

Quando finalmente pisei no chão, voltei toda a minha atenção para Olive.

— Não vou passar para o outro lado do muro. Prometo. Está bem?

Ela estreitou os olhos para mim e abriu um sorriso confiante, fazendo sinal positivo. Eu realmente não pretendia pular o muro, então não estava mentindo para a minha amiga, mas se eu acabasse subindo a escada de novo... bem, não via problema nenhum nisso.

Depois de aguentar o olhar intenso de Olive, estiquei os braços e forcei os lábios dela para cima, com os dedos, para que ela sorrisse.

— Sorria, Olive. Mostre os dentes. — Para ajudá-la, eu abri um sorriso. — Vamos, você consegue. Sei que consegue. Já vi você sorrindo.

Quando ela riu e começou a sorrir sozinha, dei um passo para trás e quase caí em cima de outro arbusto.

— Para que você cercou a casa com essas coisas? Para me matar?

— Você vai ter que fazer essa pergunta ao Jason — ela disse, me puxando para longe da moita. — Estou me sentindo meio zonza, acho. Vamos só nos sentar um pouco.

Caminhando em direção à piscina, nós nos sentamos na grama quando ela encontrou um lugar satisfatório.

— Você vai ligar pro Jameson? — Olive quis saber enquanto observávamos as estrelas por um momento.

— Por que eu faria isso?

— Sei lá. Foi uma pergunta idiota, deixa pra lá.

Olhei-a pelo canto do olho e me senti inquieta quando vi sua expressão.

— Olive, você está bem?

— Não, ainda estou com raiva.

— Raiva? De mim?

— Não. Do Jameson. — Ela virou a cabeça e franziu a testa. — Por que eu

estaria brava com você? Está me escondendo mais alguma coisa?

— Não. Não tem motivo. — Suspirei e voltei a olhar para as estrelas, as poucas que conseguimos ver acima das luzes da cidade. — Sinto muito por não ter contado antes. Não queria te incomodar, já que sabia que o prazo estava chegando ao fim. E talvez... talvez eu não tenha gostado de não conseguir ignorar esse assunto e de não seguir em frente como se não significasse nada para mim.

— Sei o que você quer dizer, mas não precisa fazer nada sozinha. E, Lucy? — Ela esperou um pouco até que eu olhasse para ela de novo. — Sou sua amiga. Somos como irmãs. Não tem nada mais importante do que você. Não me importa se estou afogada em palavras, você sempre vem em primeiro lugar. E agora que sabe, não pode usar isso contra mim de novo. — Ela virou a cabeça para o céu e acrescentou: — Isso quer dizer que, se você me privar dos meus direitos como amiga de novo, vou ter que acabar com você.

Dei uma risadinha e também desviei o olhar.

— Minha nossa, Olive, eu não fazia ideia de que você estava ansiosa para se sentir mal. Eu prometo que da próxima vez que alguém me deixar mal, o que provavelmente não vai acontecer, já que não vou mais me apaixonar, você vai ser a primeira pessoa a saber.

— Ótimo.

— Você sabe que te adoro, né? — ela perguntou um minuto depois.

Esbocei um sorriso.

— *Grey's Anatomy*? Tipo Christina e Meredith?

— Sim.

— Isso, eu também te adoro, Olive querida.

E adoraria para sempre.

— Ótimo. Lucy?

Olhei para ela.

— Olive?

— Não conte ao Jason que eu disse isso, mas acho o Adam gostoso pra cacete.

— É mesmo? — alguém perguntou atrás de nós. Olive e eu demos um grito que ecoou pela noite. Se os vizinhos próximos não tinham ouvido o primeiro grito de Olive, certamente ouviram o segundo.

— Jason! — Olive gritou enquanto se esforçava para se levantar.

Levei a mão ao peito.

— Você queria me matar do coração só por eu estar passando uns dias na sua casa? — perguntei enquanto ajudava Olive a se levantar. — Por que você nos assustou desse jeito?

— Eu não assustei ninguém. Simplesmente entrei em casa e escutei minha esposa admitir... — ele parou, olhando para ela — ... que acha um cara “gostoso pra cacete”... um cara que não é o marido dela.

— Jason — Olive disse em um tom totalmente diferente enquanto começava a caminhar em direção a ele. Estava bêbada demais e seus olhos brilhavam como estrelinhas.

Jason deu uns passos para a frente com a intenção de segurar a esposa para que ela pudesse cair em seus braços, e não de cara no chão. Ele olhou para mim e disse:

— Imagino que as comemorações tenham sido boas.

— Ela está brava comigo por não ter enviado um convite para ela participar da minha fossa, mas superou essa frustração na segunda dose de tequila.

Ele segurou Olive e deixou que ela puxasse a cabeça dele para baixo para poder beijá-lo. Vendo os dois tão apaixonados, eu me peguei sorrindo e notei mais uma vez que eu adorava muito ver minha amiga tomada pelo amor. Comigo, nunca tinha sido daquele jeito.

— Senti saudade — Olive sussurrou ou pelo menos pensou ter sussurrado, porque ainda estava gritando.

— E você perdeu nosso show improvisado. Nós nos saímos muito bem, Jason.

Afastando os cabelos dela do rosto, com delicadeza, ele abriu um sorriso caloroso, como se dissesse como a amava, e a beijou de novo.

— Desculpa, amor, tivemos que ficar até mais tarde para finalizar as coisas no set.

— Acho que está na hora de sua esposa dormir, Jason — falei, interrompendo o momento íntimo, e os dois olharam para mim. — Pretendo acordá-la bem cedo, e eu sei bem que ela vai odiar, então...

Eu não estava tentando me livrar deles, não necessariamente, mas não

queria que se sentissem pouco à vontade perto de mim, nem que sentissem a necessidade de me fazer companhia, sendo que eu sabia que eles tinham coisas muito melhores para fazer — como mandar ver no quarto deles antes que eu fosse para o meu, que ficava na frente do deles. Além disso, não seria nada ruim ficar sozinha um pouco.

Olive se afastou de Jason, caminhou até onde eu estava e me deu um abraço.

— Eu te amo, Lucy Meyer — ela disse, ainda me abraçando. — E prometo que você vai se apaixonar de novo. — Dando um passo para trás, ela olhou nos meus olhos e acrescentou: — E sabe de uma coisa? Quando isso acontecer, vai ser épico, e não só como você pensa, mas vai ser incrivelmente épico.

Sorri para ela, que assentiu com seriedade.

— Não vá dormir muito tarde, e vamos falar mais sobre isso amanhã cedo.

— Está bem, *mamãe* — gritei enquanto observava os dois entrarem na casa, de mãos dadas. — Gente, muito obrigada por me adotarem!

— Meu Deus, não — Jason lamentou um pouco antes de fechar a porta. — Não vamos adotar você, Lucy.

— Então, estão pensando nisso? Ótimo! Mal posso esperar para poder te chamar de “papai”, Jason!

Esboçando um sorriso, ele balançou a cabeça e deslizou a porta de vidro.

Rindo sozinha, eu me deitei na grama, fechei os olhos e respirei fundo. A noite estava linda — não muito quente, nem muito fria, com temperatura perfeita para o mês de setembro. Mantive os olhos fechados e me imaginei à beira de um penhasco, com os braços bem abertos enquanto o vento acariciava minha pele e soprava meus cabelos, e abri um sorriso.



CAPÍTULO TRÊS

Lucy

— Desculpa, Lucy.

— Vocês dois podem, por favor, parar de pedir desculpas? Já disse que está tudo bem. Meu Deus, vocês estão me deixando em um palácio. Tenho certeza de que vou sobreviver sem vocês dois — garanti a Olive pela décima vez, enquanto me sentava de pernas cruzadas no meio da cama deles.

Olive me lançou um olhar penalizado e olhou para Jason enquanto continuava a enfiar roupas dentro de uma mala grande, aleatoriamente. Ir para Londres para a divulgação não estava nos planos daquela semana. Por que eles mudaram a programação em cima da hora desse jeito?

Bem... vocês se lembram que eu disse que minha amiga talentosa tinha escrito um livro que foi parar na lista de mais vendidos num piscar de olhos? Bem, esse livro, *Dor na Alma*, também virou filme. O protagonista? Jason Thorn, claro. Como vocês acham que eles voltaram a se encontrar depois de tantos anos? Ela escreveu um bendito livro inspirado nele e *voilà!* Ela conseguiu o cara dos sonhos com seu emprego dos sonhos.

— Não precisa ter pressa, Olive — Jason disse ao interrompê-la, segurando e beijando sua mão. — Ainda temos duas horas até eles virem nos buscar.

— Você acha que duas horas é tempo suficiente para decidir o que levar na mala para uma viagem de uma semana? Eles vão nos seguir o tempo todo; não quero que escrevam uma matéria inteira dizendo que ando desleixada ao seu lado, e que talvez eu devesse largar um pouco os livros se não quiser perder você.

— Eles já escreveram isso, Olive — eu me intrometi, só tentando ajudar.

— É exatamente o que estou dizendo! — ela exclamou quando começou a tirar as roupas da mala. — Não quero ler isso de novo.

Jason chamou a atenção dela enquanto fechava a pequena mala de viagem,

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "To Hate Adam Connor"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).